

Decisão da S&P derruba dólar e contratos de juros futuros

ANA CRISTINA GÓES
SÃO PAULO

RODRIGO CAPOTE/GAZETA MERCANTIL

A elevação do Brasil para o grau de investimento pela agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) surpreendeu o mercado que esperava a classificação para o ano que vem e fechou com chave de ouro um pregão recheado de boas notícias. O índice Embi+, que mede o risco-Brasil, fechou a quarta-feira em baixa de 3,25% nos 217,61 pontos, menor nível em quatro meses.

O mercado operou durante boa parte da quarta-feira animado com a divulgação de que o PIB (Produto Interno Bruto) dos Estados Unidos havia crescido 0,6% no primeiro trimestre, muito acima dos 0,2% previstos pelos analistas e com a decisão do Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) de cortar a taxa básica de juros da economia em 0,25 ponto percentual para 2% ao ano, quando a divulgação do grau de investimento brasileiro acentuou ainda mais a queda do dólar e das taxas nos contratos futuros de juros negociados na BM&F (Bolsa de Mercadorias e Futuros) e levou a Bovespa a encerrar em forte alta de 6,34%, aos 67.868 pontos, recorde histórico de pontuação.

O dólar comercial terminou a quarta-feira com forte baixa de 2,46%, cotado a R\$ 1,663% na venda. A moeda acumula valorização de 1,75% na semana, mas perde 3,54% no mês.

O corte nos juros norte-americanos aumenta a diferença entre a taxa básica de juros praticada no Brasil e atrai capital externo que busca ganhos com a arbitragem. Com o grau de investimento alcançado pelo Brasil esse fluxo fica ainda maior.

“O investment grade aumenta ainda mais o fluxo de capital estrangeiro. O impacto no dólar vai ser permanente. Será muito difí-



“O pior ficou para trás”, afirma o economista-chefe da SulAmérica Investimentos, Newton Rosa

cil conter a queda da moeda”, afirma o economista-chefe da Fator Corretora, Vladimir Caramaschi.

O professor de finanças da FGV (Fundação Getúlio Vargas), William Eid, acredita que o dólar comercial teste o patamar de R\$ 1,50. “Não acredito que o BC aja para conter a valorização do real. Os controles de capitais não são aplicáveis hoje”, disse.

“O investment grade mudou todo o panorama. A sensação é que o pior ficou para trás”, avalia

o economista-chefe da SulAmérica Investimentos, Newton Rosa.

“O investment grade tira da frente qualquer preocupação com o câmbio, que dificilmente vai deteriorar o quadro inflacionário. No entanto, não podemos nos esquecer que vivemos em um mundo globalizado e que a crise lá fora pode ter novos desdobramentos”, destaca Rosa.

As projeções de juros embutidas nos contratos de Depósitos Interfinanceiros (DI) negociados

na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) fecharam o dia sinalizando queda. O contrato de DI janeiro de 2010, o mais negociado, a taxa passou de 13,83% para 13,65%. Janeiro de 2009 teve recuo de 12,81% para 12,75%. Nos contratos com resgate em janeiro de 2012 a taxa ficou em 13,62%, ante 13,89% do último ajuste. No curto prazo, junho de 2008 ficou com taxa de 11,59%, ante 11,60% do ajuste. Julho, por sua vez, caiu de 11,86% para 11,84% ao ano.